

# PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E RESILIÊNCIA: O CASO DO PROJETO SORRIA

## PROYECTO SOCIAL DEPORTIVO Y RESILIENCIA: EL CASO DEL PROYECTO SORRIA

### SOCIAL SPORTS PROJECT AND RESILIENCE: THE CASE OF THE SORRIA PROJECT

**Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen Monteiro\***  
luidig@gmail.com

**Carla Isabel Paula da Rocha de Araújo\*\***  
carla\_mpompolho@hotmail.com

**Carlos Alberto Figueiredo da Silva\***  
ca.figueiredo@yahoo.com.br

\*Universidade Salgado de Oliveira, Niterói/RJ, Brasil  
\*\*Universidade Federal do Pará, Belém/PA, Brasil

---

#### Resumo

O objetivo geral deste estudo foi identificar a percepção de alunos sobre o Projeto SORriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) quanto à sua influência na formação de cidadãos resilientes. Além do objetivo geral, a pesquisa buscou também quantificar o grau e o desenvolvimento da resiliência. Desenvolveu-se o estudo com abordagem qualitativa e quantitativa, no qual a escala de resiliência foi aplicada a 20 egressos que participaram ativamente do Projeto SORriA, um questionário socioeconômico com 18 questões; e, por fim, realizou-se um grupo focal, com entrevista semiestruturada e a participação de 12 egressos. Concluiu-se que o PSE impacta positivamente seus alunos, de modo que a prática esportiva influencia na formação de sujeitos resilientes, pois os ajuda a ter suporte para superar as adversidades do esporte, mas também contribui no desenvolvimento de recursos para enfrentar os obstáculos da vida esportiva.

**PALAVRAS CHAVE:** Gestão; Educação física; Etnometodologia.

#### Resumen

El objetivo general de este estudio fue identificar la percepción de los estudiantes sobre el Proyecto SORriA (Proyecto de Orientación Social y Actividades Deportivas) en cuanto a su influencia en la formación de ciudadanos resilientes. Además del objetivo general, la investigación también buscó cuantificar el grado y desarrollo de la resiliencia. El estudio se desarrolló con un enfoque cualitativo y cuantitativo, en el que se aplicó la escala de resiliencia a 20 egresados que participaron activamente en el Proyecto SORriA, un cuestionario socioeconómico de 18 preguntas; y, finalmente, se realizó un grupo focal, con entrevista semiestruturada y la participación de 12 egresados. Se concluyó que la PSE impacta positivamente en sus alumnos, por lo que la práctica deportiva influye en la formación de sujetos resilientes, pues les ayuda a tener apoyo para superar las adversidades del deporte, pero también contribuye al desarrollo de recursos para enfrentar los obstáculos de la vida deportiva.

**PALABRAS CLAVE:** Gestión; Educación física; Etnometodología.

#### Abstract

The general objective of this study was to identify the students' perception of the SORriA Project (Social Guidance and Sports Activities Project) regarding its influence on the formation of resilient citizens. In addition to the general objective, the research also sought to quantify the degree and development of

resilience. Therefore, the study was developed with a qualitative and quantitative approach, in which the resilience scale was applied to 20 graduates who actively participated in the SORriA Project, a socioeconomic questionnaire with 18 questions; and, finally, a focus group was held, with a semi-structured interview and the participation of 12 graduates. As a result, we concluded that the PSE positively impacts its students, so that sports practice influences the formation of resilient subjects, as it helps them to have support to overcome the adversities of sport, but also contributes to the development of resources to face the obstacles of life sporty.

KEYWORDS: Management; Physical education; Ethnomethodology.

---

## 1. Introdução

A contemporaneidade está marcada pela violência e injustiça social, onde os que mais sofrem são aqueles à margem da sociedade. Entre os mais suscetíveis estão crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social (OSBORNE; BELMONT, 2018). Em meio a tantas necessidades, algumas intervenções para a diminuição da violência e oferta de oportunidades têm se manifestado no campo do esporte. “Uma estratégia que vem despontando no combate às vulnerabilidades psicossociais articulando resiliência e inclusão social são os projetos sociais esportivos” (CÔRTEZ NETO, 2018, p.15).

Na década de 1990, surgiram diversos Projetos Sociais Esportivos (PSE) com o intuito de complementarem ou substituírem processos educativos formais, em especial para crianças e jovens em vulnerabilidade social (HECKTHEUER; SILVA, 2011). Côrtes Neto (2018) verificou que a participação de adolescentes em PSE pode torná-los mais resilientes. Entretanto, Fontes e Brandão (2013) difícil concluir se as atletas que acompanharam em seu estudo, se tornaram resilientes a partir das adversidades no esporte ou se conseguiram enfrentá-las por serem pessoas resilientes, acreditam que um estudo longitudinal poderia responder a essa questão. Sanches (2007) constatou que o PSE contribuiu para o fortalecimento psicológico dos alunos atendidos, promovendo a resiliência desses jovens.

Por se tratar de um tema relativamente novo, no âmbito da ciência, ainda há poucos estudos que relacionam PSE e o desenvolvimento da resiliência. Com poucos estudos e algumas divergências, o presente trabalho pretende contribuir para a temática PSE e o desenvolvimento da resiliência. Apesar de diferentes conceitos, há um consenso, nos estudos atuais, de que a resiliência vai além da recuperação de um trauma, mas está relacionada à capacidade humana de superação, recuperação e adaptação de forma positiva diante das adversidades, sendo um crescimento pessoal. Outro ponto comum nos estudos, refere-se ao fato de que a resiliência não é simplesmente um atributo pessoal e estático, mas uma capacidade variável e dinâmica, que pode ser promovida ao longo da vida; porém, depende das circunstâncias internas e externas. Por envolver processos intrínsecos e extrínsecos, todas as pessoas têm potencial para desenvolver mais ou menos a resiliência, pois vai depender de como enfrenta as situações adversas, como se encontra seu estado emocional. Logo, a resiliência é construída conforme o processo interativo entre os sujeitos e o meio, variando conforme as circunstâncias apresentadas, considerando o contexto em que o

indivíduo está inserido; não sendo possível defini-lo como resiliente em todas as fases de sua vida, mas um indivíduo que foi resiliente em determinado momento (MONTEIRO et al., 2022).

O objetivo geral deste estudo foi identificar a percepção de alunos sobre o Projeto SORriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) quanto à sua influência na formação de cidadãos resilientes. Além do objetivo geral, a pesquisa buscou também quantificar o grau e o desenvolvimento da resiliência.

## 2. Metodologia

O presente estudo se desenvolveu com uma abordagem qualitativa e quantitativa, no qual houve a aplicação da escala de resiliência desenvolvida por Wagnild e Young (1993), aplicada a 20 alunos egressos e que participaram ativamente do Projeto SORriA, além de um questionário socioeconômico com 18 perguntas, elaborado pelos autores. Posteriormente, foi efetuado um grupo focal, com uma entrevista semiestruturada e a participação de 12 alunos egressos (THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012).

A pesquisa se configura como social. Minayo, Deslandes e Gomes (2002) ressaltam que uma pesquisa social é ‘tateante’ e, conforme sua progressão, vai elaborando critérios cada vez mais precisos. Em uma pesquisa social, na qual inicialmente não se pode definir muita coisa, o método escolhido mais utilizado é o indutivo. É um método mais generalizado, em que se começa a analisar a partir de algo mais particular para uma questão mais ampla, mais geral (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Trata-se de pesquisa aplicada, pois se busca **desenvolver conhecimentos que possam ser utilizados** para a solução de algum problema específico. Parece ser a escolha ideal para a tal pesquisa, já que se pretende analisar a resiliência dos alunos que sofreram influência de um projeto social esportivo (BERTOLINI et al., 2016). Em relação ao objetivo se classifica como estudo exploratório, pois busca saber o resultado de uma determinada ação/organização, conforme defende Yin (2001), e que tem como objetivo desenvolver hipóteses e proposições pertinentes à pesquisa estudada, no caso específico: o Projeto SORriA. O procedimento foi o estudo de caso, fundamentado também por Yin (2001, p. 32): “estudo de caso é uma investigação empírica, que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Yin (2001) defende que um estudo de caso salienta a relevância de se utilizar tanto a pesquisa qualitativa quanto a quantitativa, como forma de se complementarem, pois ao unir os dois métodos, há uma maior amplitude da perspectiva do estudo, tendo melhor aproveitamento dos dados, obtendo um panorama mais completo da pesquisa. Optou-se, portanto, pela utilização da pesquisa mista, coletando e analisando os dados tanto de forma qualitativa quanto quantitativa. A escolha de unir os métodos qualitativos e quantitativos se deu por conta da maior riqueza de relacionar uma escala de resiliência com perfil socioeconômico, além da fala dos ex-alunos, através de um grupo focal, aproveitando os dados para chegar a um resultado mais completo sobre o desenvolvimento da resiliência. Creswell e Clark (2013) reconhecem que o método misto proporciona mais evidências para o estudo, por poder utilizar todas as ferramentas de coleta de dados disponíveis, ressaltando que a combinação das potencialidades de uma abordagem compensa a fragilidade da outra.

De acordo com Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2002), a abordagem qualitativa possui uma grande variedade de coleta de dados. A ferramenta utilizada para coleta dos dados foi um formulário online no GoogleForms, contendo a escala de resiliência desenvolvida por Wagnild e Young (1993), que possui 25 itens descritos de forma positiva com respostas com escala tipo Likert, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os escores da escala oscilam de 25 a 175 pontos, com valores altos indicando elevada resiliência. Este já foi adaptado para o português, por Pesce et al. (2005), creditando uma boa confiabilidade e validade desse instrumento. Neste estudo, além da escala de resiliência e do questionário de perfil socioeconômico, foi realizado um grupo focal, com uma entrevista semiestruturada aos ex-alunos (THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012).

Cerca de 30 alunos egressos que participaram ativamente do Projeto SORriA foram contatados, objetivando ter uma amostra significativa, onde 20 preencheram de forma remota a escala de resiliência e o questionário de perfil socioeconômico. Posteriormente, 12 participaram do grupo focal, também de forma remota, por conta do aumento de casos de Covid. O grupo de foco foi gravado em áudio e vídeo, e a conversa transcrita integralmente. Foi utilizado somente a letra inicial dos entrevistados para uma maior confidencialidade, sendo os participantes motivados a ouvirem o que os outros tinham a dizer, possibilitando estimular a reformulação das próprias opiniões (GASKEL, 2008; THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012). Em seguida, a transcrição foi encaminhada aos entrevistados para validação de suas declarações, e uma maior credibilidade da pesquisa. Também foi realizado, para um melhor fomento da credibilidade, o questionamento em pares, através do convite a colegas para análise dos dados, e ainda a triangulação com os dados quantitativos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002).

A análise dos dados foi realizada de forma convergente, em que cada tipo de coleta dos dados e os resultados foram tratados separadamente usando as técnicas tradicionais, para depois discutir se havia convergência, divergência, relação e/ou entendimento mais completo nos resultados dos dois tipos de pesquisa (CRESWELL; CLARK, 2013). Primeiramente, foram analisados os resultados quantitativos da escala de resiliência e o questionário do perfil socioeconômico, utilizando a estatística descritiva, já que ela resume as principais características de um conjunto de dados numéricos (GUIMARÃES, 2008). A estatística descritiva apresenta a informação num conjunto de dados (tabelas, gráficos) de forma objetiva e de fácil compreensão. Foi utilizada a frequência absoluta (quantidade) e relativa (percentual) para essa finalidade.

Para a análise dos dados qualitativos, por se tratar de uma pesquisa social, na qual os principais atores são os alunos egressos do Projeto SORriA, foi escolhida a etnometodologia, pois conforme afirmam Silva e Votre (2012, p. 13): “A etnometodologia se propõe a privilegiar as abordagens microssociais dos fenômenos, dando maior importância à compreensão do que à explicação”. Defendem ainda, que a etnometodologia valoriza o ator social, sendo o objeto essencial da pesquisa, representando sua realidade. Silva e Votre defendem ainda que: “todos somos sociólogos em estado prático, de modo que o real já se acha compreendido e descrito pelas pessoas e que cada grupo social é capaz de compreender a si mesmo, comentar-se e analisar-se.” (2012, p. 12). A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos

os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas (COULON, 1995, p. 30).

Ao se concluir a análise dos dados, cabe ressaltar a importância de estar ciente que o produto de uma pesquisa é sempre provisório, pois pode ser superado por outras afirmações futuras (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2002).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, registrada pela Plataforma Brasil sob o número de CAAE: 52193721.0.0000.5289 e parecer de número: 5.029.304. Todos os participantes receberam as informações necessárias e o objetivo do estudo (VIEIRA, 2009). Antes de participarem, receberam, concordaram e assinaram (eletronicamente) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sempre respeitando os princípios éticos para realização da pesquisa com seres humanos e permitindo que estes tomassem uma decisão autônoma (esclarecida e sem constrangimentos) sobre a sua participação na pesquisa. As orientações previstas na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 - que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, foi fielmente seguida, bem como a Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 - que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

### **3. O Projeto SOrriA**

O Projeto SOrriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) há 20 anos promove o desenvolvimento integral dos alunos do INPAR (Instituto Presbiteriano Álvaro Reis de Assistência à Criança e ao Adolescente), considerando a dimensão socializadora do esporte, seu vínculo educacional, de inclusão social, e melhoria na qualidade de vida. Para isso, faz uso de intervenções pedagógicas voltadas para enfrentar as principais demandas dos alunos, como: promover o respeito às individualidades por meio do acolhimento de todas as crianças, adolescentes e jovens (INPAR, 2022).

O INPAR foi fundado em 1910 como orfanato para abrigar crianças órfãs em decorrência de epidemia de febre amarela em Mojimirim (São Paulo). Anos mais tarde, o trabalho foi ampliado, devido à epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro. Desde 1923, o INPAR está situado à Rua Edgard Werneck, 846, Jacarepaguá, Rio de Janeiro e vem atendendo milhares de crianças e adolescentes de forma totalmente gratuita desde então. Apesar de sua longa existência, o Instituto não deixou de acompanhar as transformações sociais, evidenciadas na evolução dos próprios conceitos que embasam sua prática, mudando o paradigma de assistencialismo para assistencial. Desta forma, mantém missão de solidariedade e acolhimento, porém fomentando postura empreendedora e autônoma, oportunizando integração e inclusão social (INPAR, 2022).

O Projeto SOrriA tem enfoque cultural, que desenvolve uma Educação Física mais crítica e democrática, e nessa perspectiva, o currículo é construído e desenvolvido com as manifestações da cultura corporal do movimento conforme o grupo social, respeitando suas experiências culturais, podendo toda e qualquer manifestação fazer parte do currículo, assim as aulas são espaços onde as diferentes práticas corporais são estudadas, analisadas e vivenciadas. Neira (2011b) afirma que o currículo cultural da Educação Física é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, interpretação, produção, questionamento das representações e diálogo entre e as culturas e a partir delas (INPAR, 2022).

A inclusão de outros conhecimentos no currículo torna perceptíveis os hibridismos e mestiçagem que caracterizam a cultura corporal, desencadeia novos olhares dos alunos sobre si próprios e sobre aqueles com os quais convivem, além de facilitar o fluxo entre o local e o global, entre a comunidade de prática e a sociedade mais ampla (NEIRA, 2014, p. 17).

O Projeto SOrriA propicia aos alunos o Esporte Orientação, que apresenta características de grande potencial educacional. Consiste em praticar navegação em locais desconhecidos, com apoio de mapa e bússola, buscando pontos demarcados no terreno em menor tempo possível. Pode configurar excelente ferramenta pedagógica, rompendo radicalmente com a educação tradicional e excludente, a qual torna o estudante limitado e dependente, pois demarca a direção a seguir e como fazer. Apresenta-se como desafio interessante para os estudantes, pois exige dos praticantes diversas competências, tais como: interpretação de mapas, orientação em espaços desconhecidos, resolução de problemas, alta atividade intelectual, controle psicológico e físico. O Esporte Orientação propicia a percepção de maneira crítica a relação homem e natureza, pois coloca os indivíduos em contato com meio ambiente e proporciona os mesmos a tomarem consciência de que este espaço natural pode ser usufruído de maneira responsável e prazerosa. Além de ser um esporte de sociabilização, facilitando as relações interpessoais e a troca de experiências, oferecendo aos praticantes um desenvolvimento físico, cognitivo e social, para uma melhor qualidade de vida (PASINI, 2004).

Desde 2004, os alunos que se identificam com o Esporte Orientação são convidados a integrarem a equipe que participa dos Campeonatos de Orientação seja estadual, brasileiro, Sul-americano e até mesmo Mundial. Com o apoio de doadores, de transporte da Escola de Educação Física da UFRJ, do próprio INPAR, entre outras parcerias, os alunos do Projeto SOrriA já conhecem muito do Brasil e até do mundo. O principal objetivo não é formação de atletas, e sim abrir oportunidades por meio do esporte para abrirem seus horizontes, mas não se pode também frear um talento quando ele aparece.

A iniciação esportiva e a prática contínua podem vir a desenvolver o talento de algumas crianças e adolescentes, o que não lhes pode ser negado, porém isso nunca pode ser o foco do PSE, e sim uma consequência de um trabalho bem realizado, sem que as etapas sejam desprezadas. O foco principal deve ser a inclusão social

das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social por meio da prática de atividade física e esporte (GALVÃO et al., 2019, p. 144).

#### 4. Resultados e discussão

Os alunos do INPAR refletem as condições de vulnerabilidade social da comunidade em que vivem. O sistema de indicadores do ‘Rio Como Vamos’ alerta que a Cidade de Deus e bairros adjacentes de Jacarepaguá apresentam indicadores sociais críticos. As escolas municipais dentro da área de abrangência do projeto apresentam IDEB entre 4,5 e 6,5; bem abaixo do valor de referência. Porém, com o crescimento contínuo, que conseqüentemente aumenta, o número de cidadãos com baixa escolaridade provavelmente encontrará dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, com grande possibilidade dessas crianças e adolescentes ficarem à margem da sociedade (FIOCRUZ, 2017).

Em relação ao nível de resiliência, das 20 respostas validadas, 1 foi Muito Baixa, 1 considerada Baixa, 7 são Moderadamente Alta, 7 se enquadram na Alta e 4 na maior faixa Muito Alta (Quadro 1).

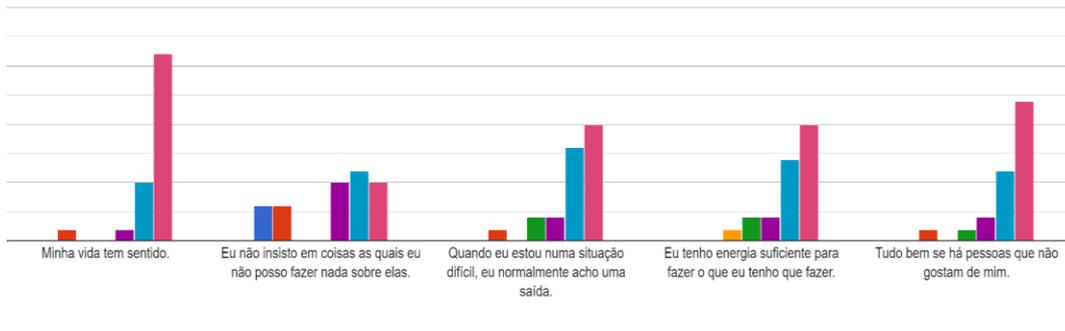
Quadro 1. Nível de resiliência nos alunos egressos do Projeto SORriA.

Valor	Classificação	Alunos egressos
25 A 100	MUITO BAIXA	1
101 A 115	BAIXA	1
116 A 130	MODERADAMENTE BAIXA	0
131 A 145	MODERADAMENTE ALTA	7
146 A 160	ALTA	7
161 A 175	MUITO ALTA	4
		20
O resultado é dividido em seis classificações, muito baixa de 25 a 100, baixa 101 a 115, moderadamente baixa: 116 a 130, moderadamente alta 131 a 145, alta 146 a 160 e muito alta 161 a 175 (PESCE et al., 2005)		

Foram comparados os dados da escala de resiliência (Gráfico 1) com os dados obtidos no questionário socioeconômico (Gráfico 2), destacando as igualdades para refletir o grau da escala de resiliência.

Gráfico 1. Escala de resiliência



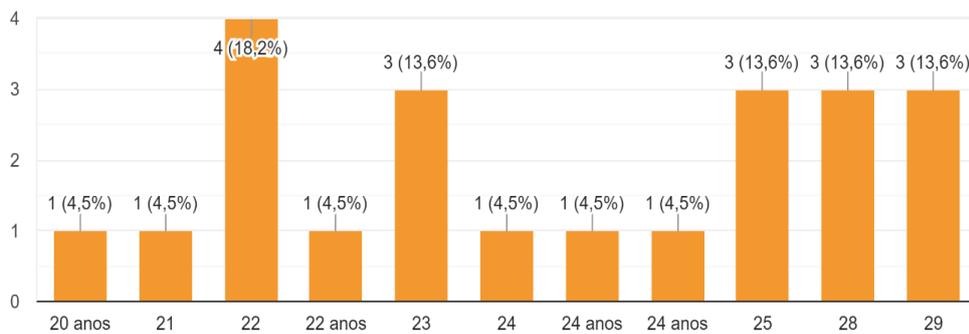


Fonte: autores.

Gráfico 2. Questionário socioeconômico.

2. IDADE:

22 respostas



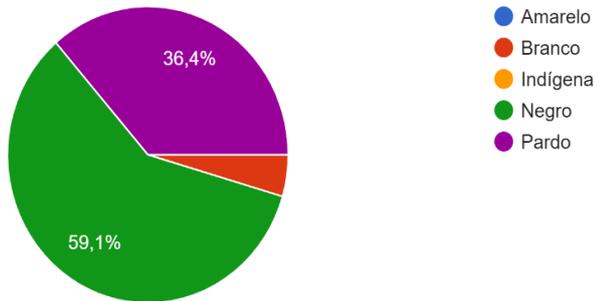
3. Tempo de Projeto



■ 3 anos ■ 4 anos ■ 5 anos ■ 7 anos ■ 9 anos ■ 10 anos

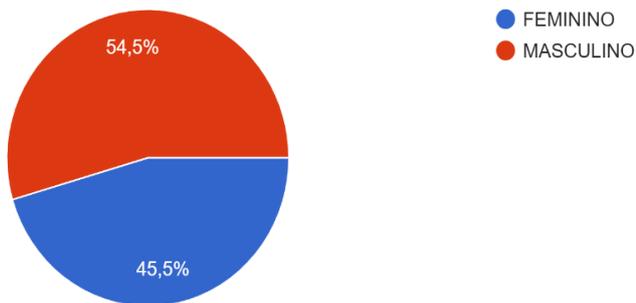
4. ETNIA:

22 respostas



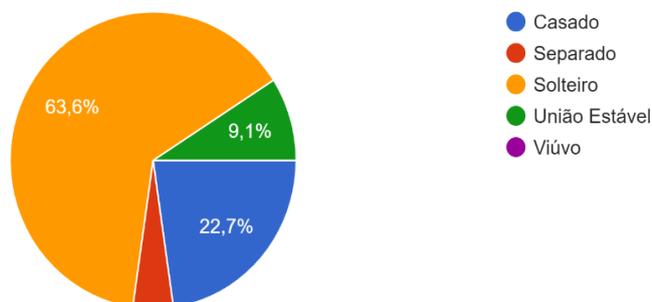
5. SEXO:

22 respostas



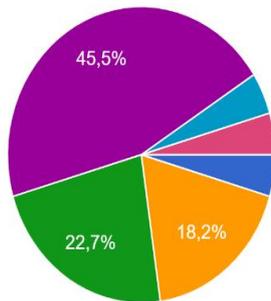
6. ESTADO CIVIL:

22 respostas



7. FORMAÇÃO ACADÊMICA:

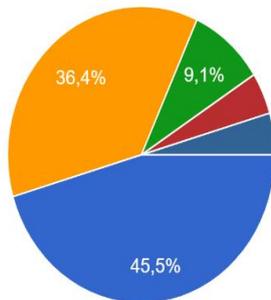
22 respostas



- Fundamental Incompleto
- Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Pós-graduação

8. Onde e como você mora atualmente?

22 respostas

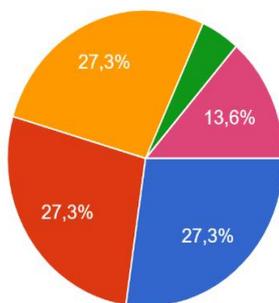


- Em casa ou apartamento próprio, com...
- Em casa ou apartamento próprio, sozi...
- Em casa ou apartamento alugado, co...
- Em quarto ou cômodo alugado, sozin...
- Em casa de outros familiares.
- Em casa de amigos.
- Em habitação coletiva: hotel, hospeda...
- Em casa/apto, mantidos pela família p...

▲ 1/2 ▼

10. Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você) [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ]

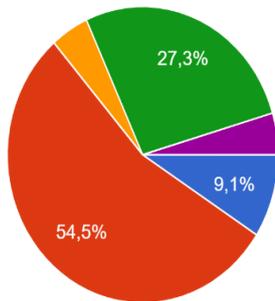
22 respostas



- Duas pessoas.
- Três pessoas.
- Quatro pessoas.
- Cinco pessoas.
- Seis pessoas.
- Mais de 6 pessoas.
- Moro sozinho.

11. Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

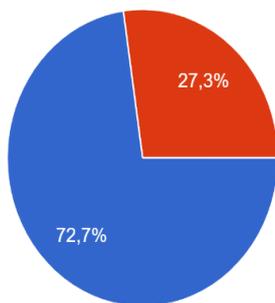
22 respostas



- Você não trabalha e seus gastos são custeados.
- Você trabalha e é independente financeiramente.
- Você trabalha, mas não é independente financeiramente.
- Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.
- No momento não trabalho, mas sou independente financeiramente

12. Você desenvolve alguma atividade remunerada?

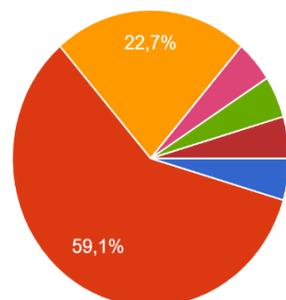
22 respostas



- Sim
- Não

13. Qual o vínculo?

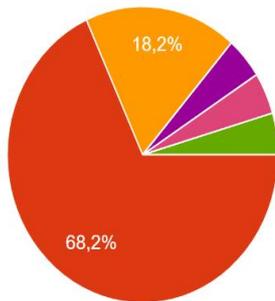
22 respostas



- Estágio.
- Emprego fixo particular.
- Emprego autônomo.
- Emprego fixo federal/estadual/municipal.
- Licenciado/a sem vencimento.
- Licenciado/a com vencimento.
- Não
- Atendente
- Investimentos

14. Qual sua renda mensal individual?

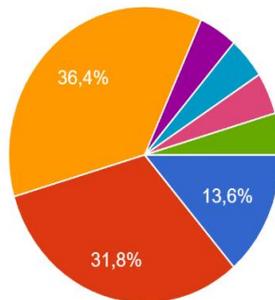
22 respostas



- Nenhuma.
- Até 02 salários mínimos.
- De 03 até 05 salários mínimos.
- De 05 até 08 salários mínimos.
- Superior a 08 salários mínimos.
- Benefício social governamental
- Menos que um salário mínimo
- 01 salario mínimo

15. Qual a renda mensal familiar?

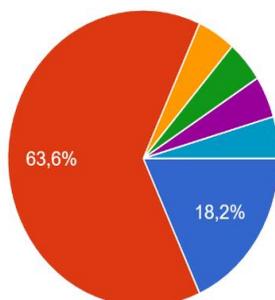
22 respostas



- Nenhuma.
- Até 02 salários mínimos.
- De 03 até 05 salários mínimos.
- De 05 até 08 salários mínimos.
- Superior a 08 salários mínimos.
- 1 salário mínimo
- Somente eu
- Moro sozinho

16. A situação conjugal de seus pais?

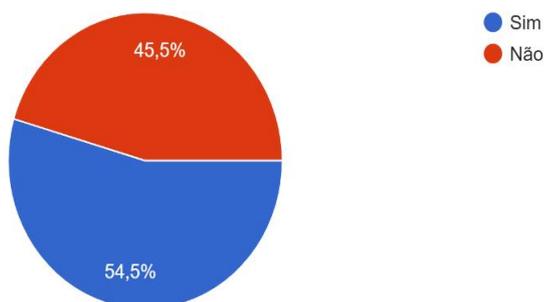
22 respostas



- Vivem juntos.
- Separados.
- Mar falecida
- Faleceu
- Minha mãe é viúva
- Sou órfã

17. Você tem filho(s)?

22 respostas



Fonte: autores.

Dos 4 alunos egressos com Resiliência Muito Alta, duas são mulheres e dois são homens, todos têm pais separados. Apenas um não é independente financeiramente, embora a faixa salarial seja baixa, de até 2 salários mínimos, e apenas 1 cursando faculdade. Há uma provável falta de apoio familiar, que os fazem lutar ainda mais por uma vida digna, precisando desenvolver ainda mais a resiliência. Percebe-se que se faz necessário uma tomada de consciência para saírem da inércia, para mostrarem que podem e devem mais. Para Bourdieu o poder simbólico legitima outras formas de poder; logo, é preciso conhecimento para gerar mudança. “Poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo, e deste modo, a ação sobre o mundo” (BOURDIEU, 1989, p. 14). Para haver a mudança, deve-se romper com estigmas impostos pela sociedade dominante. “Os processos de estigmatização parecem ter uma função social geral - a de recrutar apoio para a sociedade entre aqueles que não são apoiados por ela - e, presumivelmente, nesse nível, são resistentes à mudança” (GOFFMAN, 2017, p. 149).

A teoria mais acentuadamente objetivista tem de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção dessa visão de mundo, por meio do trabalho de representação (em todos os sentidos do termo) que continuamente realizam para imporem sua visão do mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, a visão de sua identidade social (BOURDIEU, 1989, p.139).

Uma das formas de romper os estigmas e derrubar o poder simbólico das classes dominantes é invadir seu espaço social, e embora Bourdieu afirme: “Falar de um espaço social é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais” (BOURDIEU, 1989, p. 138). O esporte tem como uma de suas principais características romper barreiras, construir pontes e transgredir espaços, pois numa partida esportiva todos são iguais. Muitos membros das classes populares buscam o esporte “como um meio de elevação social,

especialmente por aqueles que são residentes em comunidades violentas, pode representar uma forma de autorrealização e de superação da condição de não ter direitos de cidadania plena” (VIANNA; LOVISOLO, 2011, p. 294); especialmente sendo utilizada a dimensão social do Esporte Educacional, que tem como premissa a formação para a cidadania com a inclusão e a democratização da prática esportiva (TUBINO, 2011).

Dos 7 alunos egressos com Resiliência Alta, apenas 2 não cursam o Ensino Superior. Desses 7, somente 2 não são independentes financeiramente ou responsáveis pelo sustento de sua família. Demonstrando que mesmo cursando uma faculdade, precisam trabalhar para arcar com as despesas da casa, fortalecendo a importância de não desistir, apesar das dificuldades, e de traçarem outras rotas, de serem resilientes, mesmo com as diversidades.

Ainda que se tenha uma política pública empobrecida e excludente, diferentemente de seus pais, a grande maioria tem acesso à escola pública, atividades artísticas e culturais, pessoas engajadas que os façam sair da zona de conforto e acreditem em si mesmos, que são capazes de mudar o jogo, ou melhor, entrarem no jogo e fazer acontecer, especialmente por meio do esporte, mudando suas vidas e de suas comunidades. “Por isso, o sujeito resiliente precisa contar com seus recursos, mas também com um ambiente social favorável para conseguir manter íntegra a sua identidade, restabelecida no neodesenvolvimento” (NEVES; HIRATA; TAVARES, 2015, p. 100)

Dos 7 alunos egressos com Resiliência Moderadamente Alta, todos recebem acima de 2 salários mínimos, onde 4 têm emprego fixo, 2 autônomos e 1 estagiário, todos são independentes financeiramente, apenas 2 não fazem faculdade. Apenas 1 teve menos de 4 anos de projeto, os outros vão de 4 a 10 anos de participação. A junção de uma boa formação educacional, um emprego profissional e um apoio em toda essa formação colabora para um maior desenvolvimento da resiliência.

Os moradores de favelas são formados, ou deformados, a não confiarem em suas capacidades e potencialidades, a serem meros expectadores, enfim, a serem dominados, acomodados, como explicado por Bourdieu no conceito de habitus:

[...] a noção de habitus exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc. [...] tal noção permitia-me romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia ou da consciência, a da economia clássica e do seu homo economicus, que regressa hoje com o nome de individualismo metodológico (BOURDIEU, 1989, p. 60).

Embora o senso comum corrobore para acreditarem que não podem ir além dos muros de suas comunidades, pois vão fracassar se tentarem alçar voos mais altos, existem intervenções que contribuem para a diminuição dessas barreiras, através da oferta de oportunidades educacionais e esportivas. Projetos sociais esportivos têm se consolidado na promoção de atividades físico-esportivas, mas também como uma forma na melhoria da autoestima,

da imagem corporal, sendo uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional (MATTOS; SILVA, 2013; CÔRTEZ NETO, 2018).

Essas intervenções, muitas vezes, não vêm do poder público e sim de iniciativas de cidadãos que acreditam poder colaborar para uma sociedade mais justa e igualitária, usando a atividade física e o esporte. “No Brasil, há inúmeros projetos sociais frutos de parcerias globais e locais, que apostam no poder do esporte como catalisador de desenvolvimento pessoal e social” (OSBORNE; BELMONT, 2018, p. 114).

A única aluna egressa com Resiliência Baixa não tem pais, mora sozinha e é separada. E a única aluna egressa com Resiliência Muito Baixa não terminou o Ensino Médio, não tem emprego fixo, não consegue custear seus gastos. Salientando a importância do apoio familiar e da formação educacional para uma maior resiliência.

Muitos indivíduos acabam sendo cúmplices de uma classe dominante que dita até onde podem ir, muitas vezes não permitindo, nem ao menos, sonhar: “Entram na pele do personagem social que deles se espera e que eles esperam de si próprios (é a vocação)” (BOURDIEU, 1989, p. 87). Ou ainda, incutem ideias que realizar sonhos são utopia, não permitida aos pobres, favelados, moradores de comunidade. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p.7).

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante [...]; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 1989, p. 10).

#### 4.1. Grupo focal

O grupo focal consistiu em uma entrevista com perguntas semiestruturadas. Foi realizado com doze alunos egressos, dos 20 que responderam à escala de resiliência, de diversas fases do Projeto SORriA. Por conta da epidemia do Covid, e pelas vantagens de facilidade e comodidade, a reunião foi realizada remotamente, através de uma plataforma, onde foi possível a participação de alunos egressos que estão fora do estado e a gravação para futuras consultas.

Utilizou-se conceitos-chave da etnometodologia (GARFINKEL, 2012), para destacar ideias centrais e periféricas nos discursos dos entrevistados. Os seguintes excertos das falas dos participantes foram inseridos em categorias etnometodológicas, a saber:

Ações práticas. Ao observarem e analisarem suas ações, os atores sociais estão em constante atualização na forma como vivem em seus mundos, independentemente do senso comum (COULON, 1995). Os alunos egressos participavam do Projeto SOrriA por uma perspectiva melhor de vida através da prática do Esporte Orientação, creditaram às oportunidades oferecidas pelo Projeto as mudanças de pensamentos em relação ao que poderiam fazer, indo na contramão do conceito de habitus. A maioria dos alunos salientou que por estarem envolvidos nas atividades do Projeto, tiveram diversas oportunidades, tanto cultural, social, como profissional, que transformaram suas vidas.

*H.: “[...] eu acho que, socialmente falando, o projeto eu acho que foi muito importante na vida de cada um aqui, deu oportunidades que com certeza não conseguiríamos. Eu digo em relação, por exemplo, de viajar, não ter nenhuma despesa em relação a isso, de ficar despreocupado. Então, assim deu oportunidade pra gente. Sem falar além do projeto Sorria tinha o projeto do INPAR, que oferecia o reforço escolar, alimentação. Então, que contribuiu com o esporte e dentro da sala de aula. Então, sem dúvidas, foi de grande valia para a gente.”*

Indicialidade. As expressões indiciais constituem palavras do cotidiano dos atores sociais, que possuem significados distintos para um grupo específico (COULON, 1995). Ao conversarem no grupo focal, ficou nítido que mesmo sem uma convivência cotidiana, os alunos egressos continuam a usar expressões indiciais usadas no Esporte Orientação, difundido pelo Projeto SOrriA, ao exemplificarem que realizam nas suas vidas atuais a tomada de decisão, a busca pelos seus objetivos, sem perder a rota, entre outras.

*Te.: “Eu falo que eu levo a orientação até hoje comigo para todos os lugares que eu passo, para todas as minhas decisões. O mapa de orientação é como mapa da nossa vida. A gente não sabe o que vai enfrentar. A gente nunca viu a área, a gente não sabe o que vai viver amanhã. Mas assim, quando a gente sai da partida para o ponto um, ok a gente sempre consegue ali se orientar. A gente vai, se perde, mas a gente sempre tem uma decisão na nossa vida, uma decisão de voltar atrás ou ficar parado, uma decisão de seguir em frente por mais perdido que você esteja. Mas você sempre deve seguir em frente, porque sempre vai ter uma chegada em algum lugar. Então, isso tem muito mais, mais esse olhar eu levo pra tudo na minha vida. É uma corrida de orientação, é muito mais do que um esporte, sabe? Para mim, é o desenvolvimento pessoal e o comportamento humano também.”*

Reflexividade. Os atores sociais constroem sua realidade ao mesmo tempo em que descrevem suas práticas no decorrer do seu dia a dia (COULON, 1995). Os alunos conseguiram observar, e descrevem que ao participarem de competições esportivas na época do Projeto, receberam influência positiva que os fizeram agir atualmente tanto em suas interações sociais como profissionais.

*R.: “No meu caso, também é parecido, porque com o meu projeto e o esporte, a gente lá a gente tinha essa vivência no meio militar, me influenciou também. Aí foi quando eu me tornei atleta de alto rendimento da Marinha e todo esse processo que eu percorri. Foi o que me levou hoje a fazer o que eu estou fazendo agora, porque eu estou estudando. Então, tudo é consequência do que eu, do que o projeto lá atrás influenciou a gente, né?”*

Relatabilidade/Accountability. “Tornar o mundo visível significa tornar a minha ação compreensível, descrevendo-a, pois eu mostro o seu sentido pela revelação a outrem dos processos pelos

quais eu a relato” (COULON, 1995, p. 46). Alguns alunos relataram a importância do Projeto SORriA para a mudança de suas vidas e argumentaram que devem retribuir à sociedade as oportunidades que receberam do Projeto, promovendo uma corrente do bem, ajudando outras crianças a terem novas vivências.

*Ta.: “Eu acredito que o choque cultural, social e econômico que a corrida de orientação nos proporcionou foi “bom” assim para a nossas vidas, para a gente entender que existe algo além das nossas paredes, da nossa casa e da nossa comunidade. Tem sempre um algo a mais. E quando a gente também agarra a oportunidade, porque a oportunidade está para todos. Muitas crianças tiveram a mesma oportunidade que a gente, nas cada um agarrou de forma diferente. Cada um está colhendo os frutos. Então, acredito que o choque principal ali Cultural e econômico, que a corrida de orientação, que o esporte nos proporcionou foi uma chave de virada para a nossa vida. É isso que eu quero pra minha vida. Eu quero ser assim. Eu quero estar igual tal pessoa. Eu quero ter a mesma profissão de tal pessoa. E aquilo ali vem desencadeando e Libertando a gente de outra chavinha de outras prisões que a gente vem trazendo ao longo da nossa vida. Então a oportunidade está para todos. Mas a forma como cada um agarra sua, como cada um planta a sua semente, é o que diz que a gente está colhendo agora”*

Noção de membro. Entender que alguém ao incorporar etnométodos de um determinado grupo social, é considerado como parte dele, permitindo-o fazer-se reconhecer e aceitar, induzindo a condição de ser e não apenas estar (COULON, 1995). Já no início da reunião a fala dos alunos ressaltou o sentimento de pertencimento ao grupo, mesmo tendo passado tantos anos, conversaram e agiram como se estivessem indo para uma viagem anos atrás. Destacaram a importância que a convivência e a influência dos tempos de Projeto os tornaram pessoas que lutam por seus ideais.

*E.: “Acho que também, para mim, o que ficou mais evidente foram as questões das oportunidades que tivemos. Sem o projeto talvez a gente não tivesse acesso a tantas pessoas, tantas oportunidades que a gente teve, acho que o contato pessoal também, de estar em contato com pessoas diferentes, diferentes do nosso convívio normal em casa. Isso ajudou muito o nosso crescimento. Houve um impacto muito grande.”*

Considerando que a etnometodologia privilegia o ator social, onde há mais importância em compreender os fatos que os cercam do que explicá-los, valorizando o ator como autor social, suas descrições e interpretações são o objeto essencial da pesquisa, não sendo uma representação imposta pela sociedade (SILVA; VOTRE, 2012). Assim, analisando as falas dos alunos egressos, percebe-se que os etnométodos identificados neste grupo focal são bem delineados.

Etnométodos são métodos construídos por indivíduos e grupos que os utilizam para descrever, interpretar e construir o mundo social, no cotidiano de suas atividades. Etnometodologia significa o estudo dos etnométodos. Etno sugere que um membro dispõe do saber de senso comum de sua sociedade. Etnométodos então compreendem uma lógica do senso comum (SILVA; DEVIDE, 2009, p. 181).

Quando indagados se o Projeto SORriA contribuiu em alguma área de sua vida, seja ela pessoal, profissional, cultural, social, os elementos centrais identificados nas falas foram: que o projeto ajudou muito na formação pessoal, em oportunizar novas experiências e que muito impactou em suas vidas. Já os

elementos periféricos identificados foram: a formação de cidadão, conhecer novos lugares, abrir novas perspectivas de vida, dando um norte a seguir, se abrindo para o mundo.

Ao serem perguntados se o projeto gerou alguma oportunidade muito clara, os pontos centrais foram: incentivo ao estudo, oportunidade de conhecer outras pessoas, troca de experiências, influência na escolha profissional e se esforçar mais. Já as ideias periféricas: mais disciplina, aumento de conhecimento cultural, desenvolvimento da autoestima, saber lidar com a competitividade e melhor relacionamento interpessoal.

Em relação à resiliência, foram arguidos se se consideram pessoas resilientes, capazes de retomar o caminho mesmo com os obstáculos e as quedas que ocorreram. Os participantes relacionaram o Esporte Orientação como sinônimo de resiliência, que a prática da Orientação os ajudou a superar os obstáculos, a recomeçarem e a não desistirem.

Correlacionando a resiliência ao Projeto SORriA, foi salientado se alguém teria algum fato para descrever, se o Projeto influenciou em relação à resiliência. Os principais pontos percebidos mostraram que o Projeto foi um suporte para desenvolverem a resiliência, que os ajudou no crescimento pessoal e profissional, auxiliando na conquista de seus objetivos. Quando perguntados se alguma pessoa do Projeto SORriA influenciou alguma decisão importante no seu futuro, ressaltaram que quiseram seguir o exemplo de vida, influenciando na continuidade dos estudos, auxiliando na conquista dos sonhos.

Para concluir, foram estimulados a dizerem algo que não lhes foi perguntado, e o que poderiam acrescentar sobre o Projeto e resiliência. O ponto principal foi a gratidão, pelo aprendizado, pela oportunidade, pois o projeto foi um divisor de águas que impactou positivamente suas vidas, ajudando-os na superação dos obstáculos da vida, promovendo a resiliência.

A partir desta pesquisa, analisando os resultados, houve a possibilidade de verificação que os alunos egressos participantes do Projeto SORriA, relacionam o impacto que o projeto promoveu em suas vidas como oportunidade de serem seres mais resilientes. Além disso, os dados quantitativos mostram um grande percentual de egressos em categorias mais elevadas de resiliência. Um fator não esperado inicialmente, mas que ficou muito nítido no grupo focal, foi a relação que fizeram do Esporte Orientação como um esporte que desenvolve a resiliência, por suas características de superação dos obstáculos, ir além das dificuldades, lutar contra seus próprios limites, vencer suas fraquezas, para terminar a corrida. Como a aluna R. definiu bem:

*“Foi que assim o diferencial na orientação é que a gente o tempo todo aprendeu o que a gente não precisava ganhar. O importante não era você ganhar era conseguir fazer uma boa rota, conseguir encontrar os pontos, enfim terminar o mapa, ser resiliente. Isso influenciou diretamente*

*a nossa vida e influencia ainda hoje, a capacidade de não parar, pensar, refletir como eu vou, onde eu vou, como eu vou fazer. Não deu certo. Volta pra onde você estava e começa de novo. Eu acho que isso é o diferencial que a Orientação fez na nossa vida, nos ajudou a seguir apesar das dificuldades.”*

## 5. Considerações finais

Como observado nos principais resultados apresentados, conclui-se que os PSE possuem um potencial de desenvolvimento da resiliência, quando fomenta a formação integral dos alunos por meio de atividades esportivas. Diversos autores defendem a importância da prática da atividade física como meio socializador e auxiliador na formação de cidadãos plenos e capazes de atuarem numa transformação social, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária. Enfatizando que o esporte, associado a um bem-estar psicológico, contribui para uma melhor formação na imagem corporal, melhorando a autoestima, facilitando a superação das dificuldades, oportunizando um melhor desenvolvimento da resiliência.

Os PSE podem impactar positivamente seus alunos, de forma que a prática esportiva colabore na formação de sujeitos resilientes, já que contribuem para que tenham um suporte para superar as adversidades do esporte, mas também no desenvolvimento de recursos para enfrentar os obstáculos da vida. Esta pesquisa não se encerra neste documento. Pretende-se que esse seja um passo para servir de subsídio para que outros PSE possam refletir na promoção da resiliência por meio do esporte, auxiliando na formação de seres humanos comprometidos com uma mudança social, estimulando novas pesquisas com a temática dos PSE e a resiliência.

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BERTOLINI, Sônia Maria Marques Gomes; et al. (Org). **Pesquisa Científica: Do Planejamento à Divulgação**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FONTES, Rita de Cássia da Costa; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Motriz**, Rio Claro, v.19 n.1, p.151-159, jan./mar. 2013

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

CORTÊS NETO, Ewerton Dantas. **Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos**. 2018. 60f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CRESWELL, JONH Ward; CLARK, VICKI Lynn. **PLANO. Pesquisas de métodos mistos.** Porto Alegre: Penso, 2013.

FIOCRUZ. Diagnóstico Cidade de Deus. Disponível em: [https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa\\_DiagnosticoCDD\\_Jacob.pdf](https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa_DiagnosticoCDD_Jacob.pdf). Acesso em: 22 abr. 2022.

GALVÃO, Pedro Georges. O Programa Forças no Esporte como fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil. **E-legis**, Brasília, Número Especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, p. 116-148, 2019.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia.** Petrópolis: Vozes, 2012.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Tradução: Pedrinho de A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GUIMARÃES, Paulo Ricardo Bittencourt. **Métodos Quantitativos Estatísticos.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcântara; SILVA, Méri Rosane Santos. Projetos Sociais Esportivos: Vulnerabilização e Governo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 115-132, 2011.

INPAR. Instituto Presbiteriano Álvaro Reis. Disponível em: <https://inpar.org.br/inpar/>. Acesso em 15 abr. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas 2003.

MATTOS, Daniel Corrêa; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. O Esporte da Vela em Jurujuba: um Estudo de caso. In: COSTA, Claudia Freitas Lopes. e SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. (Orgs) **FavelaSport: Estudo sobre o fenômeno esportivo em comunidades do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UNISUAM, 2013. p. 146-167.

MINAYO, Maria Cecília Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade.** Série Manuais Acadêmicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen.; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; OSBORNE, Renata.; ARAÚJO, Carla Isabel Paula da Rocha. Projetos sociais esportivos e resiliência: um estudo de revisão. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, p. e40211932113, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.32113. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32113>. Acesso em: 16 jul. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores**, 2011. 330f. Tese (Livre-Docência). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2011b.

NEVES, Ângela Nogueira; HIRATA, Karina Mayumi; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. Imagem Corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n 01, p. 97-114, 2015.

- OSBORNE, Renata; BELMONT, Rachel. Contribuições do Esporte e da Educação Física para um mundo melhor. In: BENTO, Jorge Olímpio. et al (Orgs). **Cuidar da Casa Comum: Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física.** Belo Horizonte: Casa da Educação Física: v. 2, p.111-120, 2018.
- PASINI, Carlos Giovanni Delavati. **Corrida de orientação: esporte e ferramenta pedagógica para a educação.** Três corações: Gráfica Excelsior, 2004.
- PESCE, Renata Pires. et al. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005.
- SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; VOTRE, Sebastião Josué. (Orgs.) **Etnometodologias.** Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.
- SANCHES, Simone Meyer. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v.1, n.1, p. 01-15, 2007.
- SILVA, Carlos Alberto Figueiredo.; DEVIDE, Fabiano Pries. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p.181-197, 2009.
- THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMMAN, Stephen J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** Porto Alegre: Artmed, 2012.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte.** São Paulo: Cortez, 2011.
- VIANNA, José Antônio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n.3, p. 285-96, 2011.
- VIEIRA, Sônia. **Como elaborar questionários.** São Paulo: Atlas, 2009.
- WAGNILD, Gail, YOUNG; Healthier. Development and psychometric evaluation of resilience scale. **Journal of Nursing Measurement**. v. 1 , n. 2, p.165-178, 1993.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em: 01/12/2022

Aceito em: 15/03/2023

Endereço para correspondência  
Nome: Carlos Alberto Figueiredo da Silva  
E-mail: ca.figueiredo@yahoo.com.br



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)